FERNANDO PESSOA

Obra poética VI



Quadras ao gosto popular

L&PM POCKET

FERNANDO PESSOA

Quadras ao gosto popular

Organização, introdução e notas de JANE TUTIKIAN

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

Apresentação

Sobre Fernando Pessoa

Jane Tutikian

Falar de Fernando Pessoa não é apenas falar do maior poeta de língua portuguesa do século XX, mas é, também, falar de uma personalidade extremamente controvertida (como a de todo gênio) e de uma obra vasta – afinal, Pessoa é vários poetas num só.

Filho de Joaquim de Seabra Pessoa, funcionário público e crítico musical, e de Maria Madalena Pinheiro Nogueira, Fernando António Nogueira Pessôa nasce em 13 de junho de 1888 na cidade de Lisboa, e sua infância é marcada por acontecimentos que deixam cicatrizes para toda a vida. Com apenas cinco anos de idade, em 1893, Pessoa perde o pai, que morre de tuberculose, e ganha um irmão, Jorge. A morte de Joaquim traz tantas dificuldades financeiras à família que Madalena e seus filhos são obrigados a baixar o nível de vida, passando a viver na casa de Dionísia, a avó louca do poeta.

São as duas primeiras perdas do menino: o pai, a quem era muito apegado, e a casa. No ano seguinte, 1894, morre também Jorge. E, como que para compensar tudo isso, é nesse ano que Fernando Pessoa "encontra" um amigo invisível: o Chevalier de Pas, ou o Cavaleiro do Nada, "por quem escrevia cartas dele a mim mesmo", diz o poeta na carta de 1935 ao crítico Casais Monteiro.

Em 1895, dois anos após a morte de Joaquim, Madalena se casa com o comandante João Miguel Rosa, cônsul de Portugal na cidade de Durban, uma colônia inglesa na África do Sul, e é para lá que a família se muda no ano seguinte.

Pouco se sabe a respeito da família nesse período africano, a não ser o nascimento dos irmãos Henriqueta Madalena, Madalena (que morre aos

três anos) e João, bem como algumas notícias sobre a escolaridade de Fernando. Em 1896, ele inicia o curso primário na escola de freiras irlandesas da West Street. Três anos depois, ingressa na Durban High School. Considerado um aluno excepcional, em 1900 é admitido no terceiro ano do liceu e, antes do final do ano letivo, é promovido ao quarto ano. Faz em três o que deveria fazer em cinco anos.

O ano seguinte é um ano de alegria, surpresa e descoberta para o adolescente Pessoa: as férias são em Portugal, e só em setembro de 1902 ele regressa a Durban. Foi nessa época, aos quatorze anos, que escreveu seu primeiro poema em português que chegou até nós:

> (...)
> Quando eu me sento à janela,
> P'los vidros que a neve embaça
> Julgo ver a imagem dela
> Que já não passa... não passa...

Em 1903, o jovem Fernando Pessoa é admitido na Universidade do Cabo, em que cursa apenas um ano; alguma coisa no poeta fala mais forte, e, nesse período, ele cria várias "personalidades literárias", ou seja, vários poetas fictícios que vão assinar as poesias que "eles próprios" escrevem. Entre os poetas saídos da imaginação de Pessoa nessa época, destacam-se dois: Alexander Search, um adolescente, como o seu criador, que, inclusive, nasceu no dia do seu aniversário, e Charles Robert Anon, também adolescente, mas totalmente oposto ao temperamento de Fernando. De alguma maneira, começava a se delinear aquilo que faria de Fernando Pessoa um poeta como nenhum outro no mundo: um poeta que, sendo um, era muitos poetas.

Em 1904, a família aumenta; é a vez do nascimento da irmã Maria Clara.

Um ano depois, há uma virada na vida do poeta: ele retorna a Portugal, onde passa a viver com a tia-avó Maria, e inscreve-se na Faculdade de Letras; porém, com a criação poética pulsando em toda a sua intensidade, quase não frequenta o curso. No ano seguinte, Pessoa mora com a mãe e o padrasto, que estão em férias em Lisboa, mas morre a irmã Maria Clara, a família volta para Durban, e ele vai morar com a avó e com as tias. É então que desiste, definitivamente, do curso de Letras.

Com a morte da avó, em 1906, Fernando Pessoa recebe uma pequena herança e aplica-a integralmente numa tipografia. Falta-lhe, entretanto, experiência, e o empreendimento logo fracassa. Isso faz com que, em 1908, comece a trabalhar como "correspondente de línguas estrangeiras", ou seja, encarrega-se da correspondência comercial em inglês e francês em escritórios de importações e exportações, profissão que, junto com a de tradutor, desempenhará até o fim da vida.

É em 1912 que Fernando Pessoa conhece outro jovem poeta, de quem se torna grande amigo e parceiro na aventura literária: Mário de Sá-Carneiro. É um momento interessante na vida de Pessoa, e, ao contrário do que se pensa, ele não estreia na literatura com poesias, mas publicando artigos na revista *A Águia*, cujo editor e organizador é o também poeta Teixeira de Pascoais. Seus artigos provocam polêmica junto à intelectualidade portuguesa, até porque ele mexe com o grande ícone da nação: Pessoa anuncia a chegada, para Portugal, de um poeta maior do que Luís de Camões – um supra-Camões –, o que faz com que seja imediatamente criticado. Essa é também a época em que ele passa a viver com a tia preferida, Anica.

O ano seguinte é de muita produção. Ligado às ciências ocultas, escreve os primeiros poemas esotéricos; "Epithalamium", um poema erótico em inglês; "Gládio", que depois usará em *Mensagem*, o poema que conta a história de Portugal; e uma peça de teatro de um único ato chamada *O Marinheiro* – diz-se, inclusive, que escreveu a peça em apenas 48 horas. É também nesse ano que publica, na revista *A Águia,* um texto chamado "Floresta do Alheamento", que, mais tarde, fará parte do *Livro do desassossego,* uma obra escrita durante toda a sua vida de criador.

Mas nenhum dia foi igual àquele 8 de março de 1914: o "Dia Triunfal". Deixemos que o poeta nos conte:

> "[...] foi em 8 de março de 1914 – acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, *O guardador de rebanhos.* E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim

> o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutro papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a *Chuva oblíqua,* de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa-Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro. Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir – instintiva e subconscientemente – uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o *via.* E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a *Ode triunfal* de Álvaro de Campos – a ode com esse nome e o homem com o nome que tem. Criei, então, uma *coterie* inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa. [...] Eu *vejo* diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas." (Carta a Casais Monteiro, janeiro de 1935.)

Ou seja, em 8 de março de 1914 nascem os heterônimos Alberto Caeiro – que ele logo toma por seu mestre –, Ricardo Reis e Álvaro de Campos; nascem dele, com suas respectivas obras.

Por que heterônimos, e não pseudônimos? Porque, quando usa um pseudônimo, um poeta se esconde atrás de um nome falso. É para esconder o nome verdadeiro que o pseudônimo existe. O heterônimo, ao contrário, não esconde ninguém, é um personagem, criado pelo poeta, que escreve a sua própria obra. Tem nome próprio, obra própria, biografia própria e, sobretudo, um estilo próprio. Esse nome, essa obra, essa biografia e esse estilo são diferentes do nome, da obra, da biografia e do estilo do poeta criador do personagem. Ao criador do heterônimo se dá o nome de

ortônimo; foi Fernando Pessoa quem criou essa designação e é o único caso de heteronímia na literatura universal.

E quem são esses heterônimos, esses personagens criados por Pessoa? Deixemos que o poeta mesmo os apresente como os "vê", tal como o fez na carta a Casais Monteiro, escrita em 1935:

Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. [...] Caeiro era de estatura média e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. [...] Cara rapada todos – o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; [...] Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma – só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma tia velha, tia-avó. [...] Como escrevo em nome desses três?... Caeiro, por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular o que iria escrever [...] Caeiro escrevia mal o português [...]

Quanto a Ricardo Reis:

> Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures) no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. [...] Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. (Do que Caeiro, que era de estatura média) [...] Cara rapada todos – [...] Reis de um vago moreno-mate; [...] Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia e um semi-helenista por educação própria. [...] Como escrevo em nome desses três? [...] Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstrata, que subitamente se caracteriza numa ode. [...] Reis escreve melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado. [...]

Quanto a Álvaro de Campos:

> [...] Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) [...] Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de outubro de 1890 (à 1h30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade. [...] Álvaro de Campos é alto (1,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos – [...] Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. [...] Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o *Opiário*. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre. Como escrevo em nome desses três? [...] Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê. [...] Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente, mas com lapsos como dizer "eu próprio" em vez de "eu mesmo", etc. [...] O difícil para mim é escrever a prosa de Reis – ainda inédita – ou de Campos. A simulação é mais fácil, até porque é mais espontânea, em verso.

E, embora criações suas, são, de fato, poetas diferentes de Fernando Pessoa, na medida em que cada um deles possui uma forma diferente de estar no mundo e transforma esse estar em verso. E, mais ainda, é interessante observar a coerência existente entre a biografia deles e a sua obra. Caeiro é o homem ligado à natureza, ele só acredita mesmo no que ouve e no que vê. Para ele, não existe mistério:

> O que nós vemos das coisas são as coisas.
> Por que veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
> Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
> Se ver e ouvir são ver e ouvir?
> O essencial é saber ver,
> Saber ver sem estar a pensar,
> Saber ver quando se vê,
> E nem pensar quando se vê,

Nem ver quando se pensa. [...]

Ricardo Reis faz uma poesia clássica, pagã, preocupada com a passagem tão rápida do tempo, que tudo aniquila, no melhor estilo do poeta da Antiguidade, Horácio:

Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.

Álvaro de Campos, ao contrário de Reis, é o poeta da modernidade, da euforia e do desencanto da modernidade; é o poeta da irreverência total a tudo e a todos:

LISBON REVISITED

Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.
Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.
Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me
[enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –
Das ciências, das artes, da civilização moderna!
Que mal fiz eu aos deuses todos?
Se têm a verdade, guardem-na [...]

E há ainda um semi-heterônimo, Bernardo Soares, o ajudante de guarda-livros de um escritório de Lisboa. Por que semi-heterônimo? Pessoa explica:

> É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de *ténue* à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual...

O ano de 1915 foi outro ano importante na vida desse poeta múltiplo e genial e na Literatura Portuguesa do século XX: o ano da criação da *Revista Orpheu*, que revoluciona a criação literária portuguesa, dando início ao Modernismo naquele país. A revista tem apenas dois números publicados (o terceiro viria a público somente na década de 1980). Isso, entretanto, não desanima Pessoa; o que o deixa verdadeiramente deprimido é o suicídio do amigo Mário, no ano seguinte, em Paris. Então, além da própria produção, publicada sobretudo em revistas como *Portugal Futurista*, Fernando Pessoa toma para si o encargo de organizar a obra de Sá-Carneiro.

O poeta conhece, em 1920, a secretária Ophélia Queiroz, a quem passa a namorar. Nesse mesmo ano, em outubro, atravessa uma depressão tão profunda que chega a pensar em internar-se numa casa de saúde. Rompe com Ophélia. Sua mãe, Madalena, morre em 17 de março de 1925. Seu estado psicológico inquieta o poeta, e ele escreve a um amigo manifestando o desejo de ser hospitalizado. É interessante observar que Pessoa era perseguido por uma espécie de consciência de seu estado psíquico, tanto que, quando, pouco antes de morrer, ele escreve a carta ao crítico Adolfo Casais Monteiro explicando como nasceram os heterônimos, ele diz, ainda que ironizando, que é um "histeroneurastênico":

> Há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos – felizmente para mim e para os outros – mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. Se eu fosse mulher – na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e cousas parecidas – cada

> poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem – e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia...

Nesse momento, está nascendo em Portugal uma outra geração literária. Em 1927, é publicada a *Revista Presença,* e com ela tem início o Presencismo ou o segundo Modernismo português. Um dos grandes feitos dessa nova geração de poetas é o reconhecimento de Fernando Pessoa como seu mestre, fazendo com que Portugal comece a olhar com outros olhos para o seu maior poeta do século. É um momento importante para Fernando Pessoa, que, em 1929, volta a se relacionar com Ophélia. Nesse mesmo ano, publica fragmentos do *Livro do desassossego,* creditando-os a Bernardo Soares. O namoro com Ophélia não prospera e, no ano seguinte, ocorre o rompimento definitivo. Curiosamente, tudo indica que o problema foi o ciúme levantado por Álvaro de Campos, o heterônimo.

O ano de 1931 traz consigo o poema "Autopsicografia", talvez o poema mais conhecido do autor:

> O poeta é um fingidor.
> Finge tão completamente
> Que chega a fingir que é dor
> A dor que deveras sente.
>
> E os que lêem o que escreve,
> Na dor lida sentem bem,
> Não as duas que ele teve,
> Mas só a que eles não têm.
>
> E assim nas calhas de roda
> Gira, a entreter a razão,
> Esse comboio de corda
> Que se chama o coração.

Aí, o poeta explica o que para ele é a criação de um poema, sugerindo que existem duas dores, a que o poeta sente e a que ele cria na poesia, e é a segunda que o torna um fingidor. E foi o que Fernando Pessoa fez: fingiu

tão completamente ser outros que não conseguiu encontrar a si mesmo. Mas isso se justifica: para o poeta, o fingimento é a forma de chegar à verdade essencial, e só se pode chegar à verdade essencial através do poema.

O ano anterior ao da sua morte é um ano profícuo. Há como que uma espécie de retorno à simplicidade das coisas, e o poeta escreve mais de trezentas quadras populares.

É também nesse ano que Pessoa finaliza *Portugal,* o poema épico português do século XX que depois será chamado de *Mensagem*, e o inscreve no Prêmio Antero de Quental, concurso literário instituído pelo Secretariado Nacional de Propaganda. Fernando Pessoa fica apenas em segundo lugar: seu livro tinha um número muito reduzido de páginas e não atendia à orientação do Estado Novo, a ditadura de Salazar. A obra vencedora foi *Romaria*, uma seleção de poemas do Padre Vasco Reis, hoje totalmente desconhecido.

Em 1935, Fernando Pessoa escreve a famosa carta ao crítico Adolfo Casais Monteiro, datada de 13 de janeiro, em que explica como nasceram os heterônimos e na qual se revela um ocultista, um místico. É uma espécie de revelação final, apoteótica. Em 29 de novembro, é internado no hospital com o diagnóstico de cólica hepática. A sua última frase, escrita em inglês, é: "*I know not what tomorrow will bring*" ("Eu não sei o que o amanhã trará"). Seu último pedido, em português, foi para que lhe alcançassem os óculos. Morre no dia 30 de novembro de 1935, às 20h30, aos 47 anos, de cirrose hepática.

Deixou toda a sua obra – mais de 27 mil papéis – dentro de uma grande arca, comprada pelo Estado português em 1979 e depositada na Biblioteca Nacional e reprivatizada há cerca de nove anos. Esses documentos vêm sendo estudados e divulgados por uma equipe coordenada por Teresa Rita Lopes, sob a chancela da editora Assírio & Alvim. São ensaios, mais de mil poemas, três heterônimos, um semi-heterônimo desdobrado em dois (Vicente Guedes e Bernardo Soares), mais de setenta pequenos heterônimos (sem obra consistente), cartas, contos, teatro, textos políticos, notas, etc. É a obra do fingidor, do polêmico, do criador de vanguardas, do ocultista, do poeta dramático, do poeta das quadras populares e do questionador em busca de ser, que foi tanto a sua criação que se perdeu de si mesmo:

Quem sou, que assim me caminhei sem eu
Quem são, que assim me deram aos bocados
À reunião em que acordo e não sou meu?

Logo após a morte do poeta, o irmão João Nogueira faz uma conferência e afirma que ninguém na família adivinhava que Fernando Pessoa, “uma pessoa muito inteligente e muito divertida”, “resultaria em génio...”. A verdade é que o mundo também levou muito tempo para descobrir.

As quadras: *vaso de flores que o povo põe à janela da sua alma*

As quadras populares e os "Poemas a Lili" foram retirados da arca, estudados e, em 1965, revelados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. O poeta havia deixado essa parte especial da sua produção poética em um envelope verde com o rótulo "quadras". Eram sessenta folhas manuscritas, 325 quadras até então desconhecidas do grande público.

As quadras nos colocam diante de um outro Fernando Pessoa. Além das poesias complexas, criadas tanto pelo ortônimo como pelos heterônimos, ele também é capaz de fazer poesia com o que há de simples na vida e na aldeia. É o Fernando Pessoa criador das quadras ao gosto popular. Vale dizer que este é o mais elementar e popular dos gêneros poéticos, cuja principal característica é a simplicidade do tema e do esquema métrico, composto por redondilhas maiores (versos de sete sílabas), também conhecidas como "medida velha" – esquema de composição muito utilizado pelos poetas medievais.

É em duas fases distintas de sua vida que a quadra aflora: a primeira, ainda menino, entre 1908-1909; a segunda, uma espécie de retomada, entre 1934-1935, o ano de sua morte. Se as primeiras oito quadras foram compostas nos anos de 1907 e 1908, representando os primeiros passos do jovem poeta na poesia portuguesa, é no período de julho de 1934 até fins de junho de 1935, poucos meses antes da morte do poeta, que sua produção se intensifica. A quadra está, portanto, em seu começo e em seu fim.

É em "Missal das Trovas"**[1]** que Fernando Pessoa define o que, para ele, significava a quadra:

> "A quadra é um vaso de flores que o povo põe à janela da sua alma. Da órbita triste do vaso escuro a graça exilada das flores atreve o seu olhar de alegria. Quem faz quadras portuguesas comunga a alma do povo, humildemente de todos nós e errante dentro de si próprio. Ser intensamente patriótico é, primeiro, valorizar em nós o indivíduo

> que somos e fazer o possível por que se valorizem os nossos compatriotas, para que assim a Nação – que é a suma viva dos indivíduos que a compõem, e não o amontoado de pedras e areia que compõem o seu território, ou a coleção de palavras separadas ou ligadas que forma o seu léxico ou a sua gramática – possa orgulhar-se de nós que, porque ela nos criou, somos seus filhos, e seus pais, porque a vamos criando."

O que nos revelam as quadras pessoanas? Elas nos revelam um poeta seduzido pelo tradicional folclórico, de um lado, e, de outro, um poeta diferente dos conhecidos Pessoas, uma vez que traz para a poesia o amor e a mulher, que, com exceção na obra de Ricardo Reis, tão pouco aparecem. Pois ela está lá, nas quadras, com seus jeitos, seus trejeitos, suas roupas de chita, sua saia azul, seu xale, seu lenço na cabeça, seus brincos, seus encantos feitos de olhares e de sorrisos.

Do ponto de vista temático, as quadras pessoanas falam de amor e, muitas vezes, são cantadas pela voz de uma mulher, um recurso já usado pelos trovadores medievais da Península Ibérica. Esse amor passa pela timidez, pelo desejo, pelo ciúme, pelo ressentimento e pela sensualidade, mas – é verdade – também aparece aí o poeta Pessoa da impossibilidade, do fingimento, da felicidade como uma ilusão.

Do ponto de vista da estrutura, é interessante observar, há a quadra direta (Tu és Maria das Dores, / Tratam-te só por Maria. / Está bem, porque deste as dores / A quem quer que a ti se fia). Porém, há uma outra construção especialmente interessante porque de duas partes, a quadra bipartida (O pescador do mar alto / Vem contente de pescar. / Se prometo, sempre falto: / Receio não agradar). Veja-se que os dois primeiros versos e os dois últimos formam dois blocos temáticos.

Em se tratando de estilo, é o mesmo estilo simples, oral, da tradição, utilizando, inclusive, como no cancioneiro medieval, o gosto pelo trocadilho. (Na praia de Monte Gordo/ Meu amor te conheci/ Por ter estado em Monte Gordo/ É assim que emagreci.)

"Poemas para Lili" aparecem colocados junto às poesias, segundo Lind, por terem o mesmo sabor das quadras; são poemas que Pessoa deixou também sob o título "Canções para embalar crianças". Acresce-se, na edição, "Poema pial", que segue o mesmo espírito dos poemas

anteriores, às vezes impregnado pelo humor.

***

Este volume, que ora a L&PM apresenta ao leitor, traz as quadras selecionadas por Fernando Pessoa, recolhidas à arca e organizadas por Georg Rudolf Lind. O texto-base desta edição é o da Ática portuguesa. A numeração das quadras segue a ordem cronológica; a primeira, ainda que não estivesse datada no manuscrito, levava a observação "*for first*". As quadras sem data respeitaram a ordenação dada por Pessoa nas folhas originais. As poesias apresentam, às vezes, versos anotados com pequenas alterações feitas pelo próprio poeta. A esses versos com alterações chamamos variantes e colocamos em nota de rodapé. Por último, mantivemos a ortografia utilizada por Fernando Pessoa.

[**1**] Fernando Pessoa colaborou no "Missal de Trovas" de Augusto Cunha e António Ferro (Lisboa: Livraria Ferreira, 1914), com o prefácio de onde é retirada a afirmação.

Quadras
ao gosto popular

1

Cantigas de portugueses
São como barcos no mar –
Vão de uma alma para outra
Com riscos de naufragar.**[1]**

2

27/8/1907

Eu tenho um colar de pérolas
Enfiado para te dar:
As per' las são os meus beijos,
O fio é o meu penar.**[2]**

3

19/11/1908

A terra é sem vida, e nada
Vive mais que o coração...
E envolve-te a terra fria
E a minha saudade não!

4

Deixa que um momento pense
Que ainda vives ao meu lado...
Triste de quem por si mesmo
Precisa ser enganado! **[3]**

5

Morto, hei-de estar a teu lado
Sem o sentir nem saber...
Mesmo assim, isso me basta
P’ra ver um bem em morrer.

6

20/11/1908

Não sei se a alma no Além vive...
Morreste! E eu quero morrer!
Se vive, ver-te-ei; se não,
Só assim te posso esquecer.

7

20/11/1908

Se ontem à tua porta

Mais triste o vento passou –
Olha: levava um suspiro...
Bem sabes quem to mandou...

8

Entreguei-te o coração,
E que tratos tu lhe deste!
É talvez por ‘star estragado
Que ainda não mo devolveste...

9

11/7/1934

A caixa que não tem tampa
Fica sempre destapada.
Dá-me um sorriso dos teus
Porque não quero mais nada.

10

Tens o leque desdobrado
Sem que estejas a abanar.
Amor que pensa e que pensa
Começa ou vai acabar.**[4]**

11

Duas horas te esperei
Dois anos te esperaria.
Dize: devo esperar mais?
Ou não vens porque inda é dia?

12

Toda a noite ouvi no tanque
A pouca água a pingar.
Toda a noite ouvi na alma
Que não me podes amar.

13

Dias são dias, e noites
São noites e não dormi...
Os dias a não te ver
As noites pensando em ti.

14

Trazes a rosa na mão
E colheste-a distraída...
E que é do meu coração

Que colheste mais sabida?

15

Teus olhos tristes, parados,
Coisa nenhuma a fitar...
Ah meu amor, meu amor,
Se eu fora nenhum lugar!

16

Depois do dia vem noite,
Depois da noite vem dia
E depois de ter saudades
Vêm as saudades que havia.**[5]**

17

4/8/1934

No baile em que dançam todos
Alguém fica sem dançar.
Melhor é não ir ao baile**[6]**
Do que estar lá sem lá estar.

18

18/8/1934
(data provável)

Vale a pena ser discreto?
Não sei bem se vale a pena.
O melhor é estar quieto
E ter a cara serena.[7]

19

Rosmaninho que me deram,
Rosmaninho que darei,
Todo o mal que me fizeram
Será o bem que eu farei.

20

Tenho um relógio parado
Por onde sempre me guio.
O relógio é emprestado
E tem as horas a fio.

21

Quando é o tempo do trigo

É o tempo de trigar.
A verdade é um postigo
A que ninguém vem falar.

22

25/8/1934

Levas chinelas que batem
No chão com o calcanhar.
Antes quero que me matem
Que ouvir esse som parar.

23

Em vez da saia de chita
Tens uma saia melhor.
De qualquer modo és bonita,
E o bonita é o pior.**[8]**

24

Teus brincos dançam se voltas
A cabeça a perguntar.
São como andorinhas soltas
Que inda não sabem voar.

25

Tens uma rosa na mão.
Não sei se é para me dar.
As rosas que tens na cara,
Essas sabes tu guardar.

26

Fomos passear na quinta,
Fomos à quinta em passeio.
Não há nada que eu não sinta
Que me não faça um enleio.

27

Os alcatruzes da nora
Andam sempre a dar e dar.
É para dentro e p'ra fora
E não sabem acabar.

28

O minha menina loura,
Ó minha loura menina,
Dize a quem te vê agora

Que já foste pequenina...

29

Levas uma rosa ao peito
E tens um andar que é teu...
Antes tivesses o jeito
De amar alguém, que sou eu.

30

Tens um livro que não lês,
Tens uma flor que desfolhas;
Tens um coração aos pés
E para ele não olhas.**[9]**

31

Nunca dizes se gostaste
Daquilo que te calei.
Sei bem que o adivinhaste.
O que pensaste não sei.

32

O vaso que dei àquela[10]
Que não sabe quem lho deu
Há-de ser posto à janela
Sem ninguém saber que é meu.

33

Tive uma flor para dar
A quem não ousei dizer
Que lhe queria falar,
E a flor teve que morrer.

34

Quando olhaste para trás,
Não supus que era por mim.
Mas sempre olhaste, e isso faz
Que fosse melhor assim.

35

Todos os dias eu penso[11]
Naquele gesto engraçado
Com que pegaste no lenço
Que estava esquecido ao lado.

36

Tens uma salva de prata
Onde pões os alfinetes...
Mas não tem salva nem prata
Aquilo que tu prometes.

37

Adivinhei o que pensas
Só por saber que não era
Qualquer das coisas imensas
Que a minh' alma sempre espera.

38

Ouvi-te cantar de dia.
De noite te ouvi cantar.
Ai de mim, se é de alegria!
Ai de mim, se é de penar!

39

Por um púcaro de barro
Bebe-se a água mais fria.
Quem tem tristezas não dorme,

Vela para ter alegria.

40

O malmequer que arrancaste
Deu-te nada no seu fim,
Mas o amor que me arrancaste,**[12]**
Se deu nada, foi a mim.

41

Teu xale de seda escura
É posto de tal feição
Que alegre se dependura**[13]**
Dentro do meu coração.

42

O manjerico comprado
Não é melhor que o que dão.
Põe o manjerico ao lado
E dá-me o teu coração.**[14]**

43

Rosa verde, rosa verde...
Rosa verde é coisa que há?
É uma coisa que se perde
Quando a gente não está lá.

44

A rosa que se não colhe
Nem por isso tem mais vida.
Ninguém há que te não olhe
Que te não queira colhida.**[15]**

45

2/9/1934

Há verdades que se dizem
E outras que ninguém dirá.
Tenho uma coisa a dizer-te
Mas não sei onde ela está.

46

Quando ao domingo passeias
Levas um vestido claro.
Não é o que te conheço
Mas é em ti que reparo.

47

Tenho vontade de ver-te
Mas não sei como acertar.
Passeias onde não ando,
Andas sem eu te encontrar.

48

Andorinha que passaste,
Quem é que te esperaria?
Só quem te visse passar
E esperasse no outro dia.

49

Nuvem do céu, que pareces
Tudo quanto a gente quer,
Se tu, ao menos, me desses
O que se não pode ter!

50

O burburinho da água
No regato que se espalha
É como a ilusão que é mágoa

Quando a verdade a baralha.

51

Leve sonho, vais no chão
A andares sem teres ser.**[16]**
És como o meu coração
Que sente sem nada ter.

52

7/9/1934

Vai alta a nuvem que passa.
Vai alto o meu pensamento
Que é escravo da tua graça
Como a nuvem o é do vento.

53

Ambos à beira do poço
Achamos que é muito fundo.
Deita-se a pedra, e o que eu ouço
É teu olhar, que é meu mundo.

54

Aquela senhora velha
Que fala com tão bom modo
Parece ser uma abelha
Que nos diz: “Não incomodo”.

55

Maria, se eu te chamar,
Maria, vem cá dizer
Que não podes cá chegar.
Assim te consigo ver.**[17]**

56

Boca com olhos por cima
Ambos a estar a sorrir...
Já sei onde está a rima
Do que não ouso pedir.

57

10/9/1934

Quem lavra julga que lavra
Mas quem lavra é o que acontece...

Não me dás uma palavra
E a palavra não me esquece.

58

Tinhas um pente espanhol
No cabelo português,
Mas quando te olhava o sol,
Eras só quem Deus te fez.

59

Boca de riso escarlate
E de sorriso de rir...
Meu coração bate, bate,
Bate de te ver e ouvir.

60

Acendeste uma candeia
Com esse ar que Deus te deu.
Já não é noite na aldeia
E, se calhar, nem no céu.

61

Eu te pedi duas vezes
Duas vezes, bem o sei.
Que por fim me respondesses
Ao que não te perguntei.

62

11/9/1934

Não digas mal de ninguém,
Que é de ti que dizes mal.
Quando dizes mal de alguém
Tudo no mundo é igual.**[18]**

63

12/9/1934

Todas as coisas que dizes
Afinal não são verdade.
Mas, se nos fazem felizes,
Isso é a felicidade.

64

Dás nós na linha que cose

Para que pare no fim.
Por muito que eu pense e ouse,
Nunca das nó para mim.

65

13/9/1934

Não sei em que coisa pensas
Quando coses sossegada...
Talvez naquelas ofensas
Que fazes sem dizer nada.**[19]**

66

As gaivotas, tantas, tantas,
Voam no rio pró mar...
Também sem querer encantas,
Nem é preciso voar.

67

As ondas que a maré conta
Ninguém as pode contar.
Se, ao passar, ninguém te aponta,
Aponta-te com o olhar.

68

19/9/1934

Todos os dias que passam
Sem passares por aqui
São dias que me desgraçam
Por me privarem de ti.

69

Quem me dera, quando fores
Pela rua sem me ver,
Supor que há coisas melhores
E que eu as pudera ter.

70

Quando cantas, disfarçando
Com a cantiga o cantar,
Parece o vento mais brando
Nesta brandura do ar.

71

Não sei que grande tristeza
Me fez só gostar de ti

Quando já tinha a certeza
De te amar porque te vi.**[20]**

72

A mantilha de espanhola
Que trazias por trazer
Não te dava um ar de tola
Porque o não podias ter.

73

Boca de riso escarlate
Com dentes brancos no meio,
Meu coração bate, bate,
Mas bate por ter receio.

74

22/9/1934

Se há uma nuvem que passa
Passa uma sombra também.
Ninguém diz que é desgraça
Não ter o que se não tem.

75

Tu, ao canto da janela
Sorrias a alguém da rua.
Porquê ao canto, se aquela
Posição não é a tua?**[21]**

76

Dá-me um sorriso ao domingo.
Para à segunda eu lembrar.
Bem sabes: sempre te sigo
E não é preciso andar.

77

Tens olhos de quem não quer
Procurar quem eu não sei.
Se um dia o amor vier
Olharás como eu olhei.

78

Pobre do pobre que é ele
E não é quem se fingiu!
Por muito que a gente vele

Descobre que já dormiu.[22]

79

23/9/1934

Não me digas que me queres
Pois não sei acreditar.
No mundo há muitas mulheres
Mas mentem todas a par.

80

Água que não vem na bilha
É como se não viesse.
Como a mãe, assim a filha...
Antes Deus as não fizesse.

81

Ó loura dos olhos tristes
Que me não quis escutar...
Quero só saber se existes
Para ver se te hei-de amar.[23]

82

Há grandes sombras na horta
Quando a amiga lá vai ter...
Ser feliz é o que importa,
Não importa como o ser!

83

12/10/1934

O moinho de café
Mói grãos e faz deles pó.
O pó que a minh' alma é
Moeu quem me deixa só.

84

Dizem que não és aquela
Que te julgavam aqui.
Mas se és alguém e és bela
Que mais quererão de ti?**[24]**

85

Tenho um livrinho onde escrevo
Quando me esqueço de ti.**[25]**

É um livro de capa negra
Onde inda nada escrevi.[26]

86

Olhos tristes, grandes, pretos,
Que dizeis sem me falar
Que não há filhos nem netos
De eu não querer amar.[27], [28]

87

Meu coração a bater
Parece estar-me a lembrar
Que, se um dia te esquecer,
Será por ele parar.

88

Quantas vezes a memória
Para fingir que inda é gente,
Nos conta uma grande história
Em que ninguém está presente.[29]

89

Trazes o vestido novo
Como quem sabe o que faz.[30]
Como és bonita entre o povo,
Mesmo ficando para trás!

90

A tua boca de riso
Parece olhar para a gente
Com um olhar que é preciso
Para saber que se sente.

91

A laranja que escolheste
Não era a melhor que havia.
Também o amor que me deste
Qualquer outra mo daria.

92

Se o sino dobra a finados
Há-de deixar de dobrar.
Dá-me os teus olhos fitados[31]

E deixa a vida matar!

93

Por muito que pense e pense
No que nunca me disseste,
Teu silêncio não convence.
Faltaste quando vieste.

94

Tome lá, minha menina,
O ramalhete que fiz.
Cada flor é pequenina,
Mas tudo junto é feliz.

95

A vida é pouco aos bocados.
O amor é vida a sonhar.
Olho para ambos os lados
E ninguém me vem falar.

96

Dei-lhe um beijo ao pé da boca
Por a boca se esquivar.
A idéia talvez foi louca,
O mal foi não acertar.

97

Compras carapaus**[32]** ao cento,
Sardinhas ao quarteirão.
Só tenho no pensamento
Que me disseste que não.

98

Duas horas te esperei.
Duas mais te esperaria.
Se gostas de mim não sei...
Algum dia há-de ser dia...

99

Tenho um desejo comigo
Que me traz longe de mim.
É saber se isto é contigo
Quando isto não é assim.

100

Leve vem a onda leve
Que se estende a adormecer,
Breve vem a onda breve**[33]**
Que nos ensina a esquecer.

101

Quando a manhã aparece
Dizem que nasce alegria.
Isso era se Ela viesse.**[34]**
Até de noite era dia.

102

Nuvem alta, nuvem alta,
Porque é que tão alta vais?
Se tens o amor que me falta,
Desce um pouco, desce mais.

103

Teu carinho, que é fingido,
Dá-me o prazer de saber
Que inda não tens esquecido

O que o fingir tem de ser.

104

A luva que retiraste
Deixou livre a tua mão.
Foi com ela que tocaste,
Sem tocar, meu coração. **[35]**

105

O avental, que à gaveta
Foste buscar, não terá
Algibeira em que me meta
Para estar contigo já?

106

Quando vieste da festa,
Vinhas cansada e contente.
A minha pergunta é esta:
Foi da festa ou foi da gente?**[36]**

107

Rouxinol que não cantaste,
Gaio[37] que não cantarás,
Qual de vós me empresta o canto
Para ver o que ela faz?

108

Quando chegaste à janela
Todos que estavam na rua
Disseram: olha, é aquela,
Tal é a graça que é tua![38]

109

13/10/1934

Nuvem que passas no céu,
Dize a quem não perguntou
Se é bom dizer a quem deu:
“O que deste, não to dou.”

110

2/11/1934

“Vou trabalhando a peneira
E pensando assim assim.
Eu não nasci para freira.

Gosto que gostem de mim.”[39]

111

Roseiral que não dás rosas
Senão quando as rosas vêm,
Há muitas que são formosas
Sem que o amor lhes vá bem.

112

“Ribeirinho, ribeirinho,
Que vais a correr ao léu
Tu vais a correr sòzinho,
Ribeirinho, como eu.”

113

“Vesti-me toda de novo
E calcei sapato baixo
Para passar entre o povo
E procurar quem não acho.”[40]

114

Tua boca me diz sim,
Teus olhos me dizem não.
Ai, se gostasses de mim
E sem saber a razão![41]

115

Quero lá saber por onde
Andaste todo este dia!
Nunca faz bem quem se esconde...
Mas onde foste, Maria?[42]

116

O vaso de manjerico
Caiu da janela abaixo.
Vai buscá-lo, que aqui fico
A ver se sem ti te acho.

117

O cravo que tu me deste
Era de papel rosado.
Mas mais bonito era inda
O amor que me foi negado.

118

Trazes os sapatos pretos
Cinzentos de tanto pó.
Feliz é quem tiver netos
De quem tu sejas avó! **[43]**

119

Vem de lá do monte verde
A trova que não entendo.
É um som bom que se perde
Enquanto se vai vivendo.

120

Moreninha, moreninha,
Com olhos pretos a rir.
Sei que nunca serás minha,
Mas quero ver-te sorrir.

121

Puseste a chaleira ao lume
Com um jeito de desdém.
Suma-te o diabo que sume

Primeiro quem te quer bem!

122

Lá vem o homem da capa
Que ninguém sabe quem é...
Se o lenço os olhos te tapa
Vejo os teus olhos por fé.

123

Loura dos olhos dormentes,
Que são azuis e amarelos,
Se as minhas mãos fossem pentes,
Penteavam-te os cabelos.

124

O sino dobra a finados.
Faz tanta pena a dobrar!
Não é pelos teus pecados
Que estão vivos a saltar.

125

Traze-me um copo com água
E a maneira de o trazer.
Quero ter a minha mágoa
Sem mostrar que a estou a ter.

126

Olha o teu leque esquecido!
Olha o teu cabelo solto!
Maria, toma sentido!
Maria, senão não volto!

127

Já duas vezes te disse
Que nunca mais te diria
O que te torno a dizer
E fica para outro dia.

128

Lavadeira a bater roupa
Na pedra que está na água,
Achas minha mágoa pouca?
É muito tudo o que é mágoa.

129

9/1/1935

O teu lenço foi mal posto
Pela pressa que to pôs.
Mais mal posto é o meu desgosto
Do que não há entre nós.**[44]**

130

Olhos de veludo falso
E que fitam a entender,
Vós sois o meu cadafalso
A que subo com prazer.

131

Duas vezes eu tentei
Dizer-te que te queria,
E duas vezes te achei
Só a que falava e ria.

132

Meu coração é uma barca
Que não sabe navegar.

Guardo o linho na arca
Com um ar de o acarinhar.

133

Tenho um desejo comigo
Que hoje te venho dizer:
Queria ser teu amigo
Com amizade a valer.

134

27/2/1935

És Maria da Piedade,
Pois te chamaram assim.
Sê lá Maria à vontade,
Mas tem piedade de mim.**[45]**

135

Tu és Maria da Graça,
Mas a que graça é que vem
Ser essa graça a desgraça
De quem a graça não tem?**[46]**

136

Caiu no chão o novelo
E foi-se desenrolando.
Passas a mão no cabelo.
Não sei em que estás pensando.

137

A tua saia, que é curta,
Deixa-te a perna a mostrar:
Meu coração já se furta**[47]**
A sentir sem eu pensar.

138

17/3/1935

Meu amor é fragateiro.
Eu sou a sua fragata.
Alguns vão atrás do cheiro,
Outros vão só pela arreata.**[48]**

139

3/4/1935

Vai longe, na serra alta,

A nuvem que nela toca...
Dá-me aquilo que me falta –
Os beijos da tua boca.

140

4/4/1935

Há um doido na nossa voz
Ao falarmos, que prendemos:
É o mal-estar entre nós
Que vem de nos percebermos.

141

Teu vestido, porque é teu,
Não é de cetim nem chita.
É de sermos tu e eu
E de tu seres bonita.

142

25/6/1935

Entornaram-me o cabaz**[49]**
Quando eu vinha pela estrada.
Como ele estava vazio,
Não houve loiça quebrada.**[50]**

143

O rosário da vontade,
Rezei-o trocado e a esmo.
Se vens dizer-me a verdade,
Vê lá bem se é isso mesmo.

144

Castanhetas, castanholas –
Tudo é barulho a estalar.
As que ao negar são mais tolas
São mais espertas ao dar.

145

O manjerico e a bandeira
Que há no cravo de papel –
Tudo isso enche a noite inteira,
Ó boca de sangue e mel.**[51]**

146

Tem a filha da caseira
Rosas na caixa que tem.
Toda ela é uma rosa inteira

Mas não a cheira ninguém.

147

A moça que há na estalagem
Ri porque gosta de rir.
Não sei o que é da viagem**[52]**
Por esta moça existir.

148

Lenço preto de orla branca –
Ataste-o mal a valer
À roda desse pescoço
Que tem que se lhe dizer.

149

Aquela loura de preto
Com uma flor branca ao peito,
É o retrato completo
De como alguém é perfeito.

150

A tua janela é alta,
A tua casa branquinha.
Nada lhe sobra ou lhe falta
Senão morares sòzinha.

151

Vem cá dizer-me que sim.[53]
Ou vem dizer-me que não.
Porque sempre vens assim
P’ ra ao pé do meu coração.

152

Cortaste com a tesoura
O pano de lado a lado.
Porque é que todo teu gesto
Tem a feição de engraçado?

153

Ai, os pratos de arroz doce
Com as linhas de canela![54]
Ai a mão branca que os trouxe!
Ai essa mão ser a dela!

154

Frescura do que é regado,
Por onde a água inda verte...
Quero dizer-te um bocado
Do que não ouso dizer-te.

155

Ó pastora, ó pastorinha,
Que tens ovelhas e riso,**[55]**
Teu riso ecoa no vale
E nada mais é preciso.

156

A abanar o fogareiro
Ela corou do calor.
Ah, quem a fará corar
De um outro modo melhor!

157

Manjerico que te deram,
Amor que te querem dar.
Recebeste o manjerico.

O amor fica a esperar.

158

Dona Rosa, Dona Rosa,
De que roseira é que vem,
Que não tem senão espinhos
Para quem só lhe quer bem?

159

O laço que tens no peito
Parece dado a fingir.
Se calhar já estava feito
Como o teu modo de rir.

160

Dona Rosa, Dona Rosa,
Quando eras inda botão
Disseram-te alguma cousa
De a flor não ter coração?

161

Tenho um segredo a dizer-te
Que não te posso dizer.
E com isto já to disse
Estavas farta de o saber...

162

Os ranchos das raparigas
Vão a cantar pela estrada...
Não oiço as suas cantigas
Só tenho pena de nada.

163

Rezas porque outros rezaram,
E vestes à moda alheia...
Quando amares vê se amas
Sem teres o amor na ideia.

164

A Senhora da Agonia
Tem um nicho na Igreja.
Mas a dor que me *agonia*
Não tem ninguém quem a veja.

165

Aparta o cabelo ao meio
A do cabelo apartado.
É a estrelinha em que leio
Que estou a ser enganado.

166

Esse frio cumprimento**[56]**
Tem ironia p’ ra mim.
Porque é o mesmo movimento
Com que a gente diz que sim...

167

Vejo lágrimas luzir
Nos teus olhos de fingida.
É como quando à janela**[57]**
Chegas, um pouco escondida.

168

Trincaste, para o partir,
O retrós de costurar.
Quem não soubesse diria

Que o estavas a beijar.

169

Deixaste o dedal na mesa
Só pelo tempo da ausência –
Se eu to roubasse dirias
Que eu não tinha consciência.

170

Dá-me um sorriso daqueles
Que te não servem de nada
Como se dá às crianças
Uma caixa esvaziada.

171

O canário já não canta.
Não canta o canário já.
Aquilo que em ti me encanta
Talvez não me encantará.

172

Rezas a Deus ao deitar-te
Pedindo não sei o quê.
Se rezasses ao demónio,
Eu saberia o que é.**[58]**

173

Boca que tens um sorriso
Como se fosse um florir,
Teus olhos cheios de riso
Dão-me um orvalho de rir.**[59]**

174

Uma boneca de trapos
Não se parte se cair.
Fizeste-me a alma em farrapos...
Bem: não se pode partir.

175

O que sinto e o que penso
De ti é bem e é mal.
É como quando uma xícara
Tem o pires desigual.

176

Levas a mão ao cabelo
Num gesto de quem não crê.
Mas eu não te disse nada.
Duvidas de mim? Porquê?

177

Compreender um ao outro
É um jogo complicado,
Pois quem engana não sabe**[60]**
Se não estava enganado.

178

À roda dos dedos juntos
Enrolaste a fita a rir.
Corações não são assuntos
E falar não é sentir.**[61]**

179

Chamam-te boa, e o sentido
Não é bem o que eu supunha.
Boa não é apelido:

É, quando muito, alcunha.

180

Tu és Maria das Dores,
Tratam-te só por Maria.
Está bem, porque deste as dores
A quem quer que em ti se fia.

181

Se vais de vestido novo
O teu próprio andar o diz,
E ao passar por entre o povo
Até teu corpo é feliz.

182

Tens um anel imitado
Mas vais contente de o ter.
Que importa o falsificado**[62]**
Se é verdadeiro o prazer.

183

Tenho ainda na lembrança
Como uma coisa que vejo,
O quando inda eras criança.
Nunca mais me dás um beijo!

184

O ar do campo vem brando,
Faz sono haver esse ar.
Já não sei se estou sonhando
Nem de que serve sonhar.

185

Quando ela pôs o chapéu
Como se tudo acabasse,
Sofri de não haver véu
Que inda um pouco a demorasse.

186

Quem te deu aquele anel
Que ainda ontem não tinhas?
Como tu foste infiel
A certas ideias minhas!

187

Essa costura à janela
Que lhe inclinou a cabeça
Fez-me ver como era dela
Que o coração tinha pressa.

188

O ribeiro bate, bate
Nas pedras que nele estão,
Mas nem há nada em que bata
O meu pobre coração.

189

Nunca houve romaria**[63]**
Que se lembrassem de mim...
Também quem se lembraria
De quem se lamenta assim?

190

Comes melão às dentadas
Porque assim não deve ser.
Não sei se essas gargalhadas

Me fazem rir ou sofrer.[64]

191

Há dois dias que não vejo
Modo de tornar-te a ver.
Se outros também te não vissem,
Desejava sem sofrer.

192

O teu cabelo cortado
À maneira de rapaz
Não deixa justificado
Aquele amor que me faz.

193

Se te queres despedir
Não te despidas de mim,
Que eu não posso consentir
Que tu me trates assim.[65]

194

Que te fez assim tão linda
Não o fez para mostrar
Que se é mais linda ainda
Quando se sabe negar.**[66]**

195

Floriu a roseira toda
Com as rosas de trepar...
Tua cabeça anda à roda
Mas sabes-te equilibrar.

196

Morena dos olhos baços
Velados de não sei quê,
No mundo há falta de braços
Para o que o teu olhar vê.

197

Quando compões o cabelo
Com tua mão distraída
Fazes-me um grande novelo
No pensamento da vida.

198

Teus olhos de quem não fita
Vagueiam, ‘stão na distância.
Se fosses menos bonita,
Isso não tinha importância.**[67]**

199

Tocam sinos a rebate
E levantaste-te logo.
Teu coração só não bate
Por a quem puseste fogo.**[68]**

200

O coração é pequeno,
Coitado, e trabalha tanto!
De dia a ter que chorar,
De noite a fazer o pranto...

201

Deram-me um cravo vermelho
Para eu ver como é a vida.
Mas esqueci-me do cravo

Pela hora da saída.

202

Fiz estoirar um cartucho
Contra a parede do lado.
Assim farei eu à vida,
Que o sonhar fez-me assoprado.

203

O malmequer que colheste
Deitaste-o fora a falar.**[69]**
Nem quiseste ver a sorte
Que ele te podia dar.

204

Comi melão retalhado
E bebi vinho depois,
Quanto mais olho p’ra ti
Mais sei que não somos dois.

205

Trazes um lenço novinho
Na cabeça e a descair,
Se eu te beijar no cantinho
Só saberá quem nos vir.

206

E ao acabar estes versos
Feitos em modo menor
Cumpre prestar homenagem
À bebedeira do cantor.

207

Toda a noite, toda a noite,
Toda a noite sem pensar...
Toda a noite sem dormir
E sem tudo isso acabar.

208

Puseste um vaso à janela.
Foi sinal ou não foi nada,
Ou foi p’ra que pense em ti
Que te não importas nada?

209

Eu vi ao longe um navio
Que tinha uma vela só,
Ia sòzinho no mar...
Mas não me fazia dó.**[70]**

210

Corre a água pelas calhas
Lá segundo a sua lei.
Pareces, vista de lado,
Aquela que te julguei.

211

Lá por olhar para ti
Não julgues que é por gostar.
Eu gosto muito do sol,
E nem o posso fitar.**[71]**

212

Viraste-me a cara quando
Ia a dizer-te, à chegada,
Que, se voltasses a cara,

Que eu não me importava nada.

213

Na quinta que nunca houve
Há um poço que não há
Onde há-de ir encontrar água
Alguém que te entenderá.**[72]**

214

Voam débeis e enganadas
As folhas que o vento toma.
Bem sei: deitamos os dados
Mas Deus é que deita a soma.

215

Ribeirinho, ribeirinho,
Que falas tão devagar,
Ensina-me o teu caminho
De passar sem desejar amar.

216

Do alto da torre da igreja
Vê-se o campo todo em roda.
Só do alto da esperança
Vemos nós a vida toda.

217

Dá-me um sorriso a brincar,
Dá-me uma palavra a rir,
Eu me tenho por feliz
Só de te ver e te ouvir.

218

Trazes um lenço apertado
Na cabeça, e um nó atrás.
Mas o que me traz cansado
É o nó que nunca se faz.

219

Vi-te a dizer um adeus
A alguém que se despedia,
E quase implorei dos céus
Que eu partisse qualquer dia.

220

Deixaste cair no chão
O embrulho das queijadas.
Riste disso – e porque não?
A vida é feita de nadas.

221

Deste-me um cordel comprido
Para atar bem um papel.**[73]**
Fiquei tão agradecido
Que inda tenho esse cordel.**[74]**

222

No dia de Santo António
Todos riem sem razão.
Em São João e São Pedro
Como é que todos rirão?

223

Tenho uma pena que escreve
Aquilo que eu sempre sinta.
Se é mentira, escreve leve.

Se é verdade, não tem tinta.

224

O capilé[75] é barato
E é fresco quando há calor.
Vou sonhar o teu retrato
Já que não tenho melhor.

225

Baila o trigo quando há vento
Baila porque o vento o toca.
Também baila o pensamento
Quando o coração provoca.

226

Fizeste molhos de flores
Para não dar a ninguém.
São como os molhos de amores
Que foras fazer a alguém.

227

Se houver alguém que me diga
Que disseste bem de mim,
Farei uma outra cantiga,
Porque esta não é assim.[76]

228

Manjerico[77], manjerico,
Manjerico que te dei,
A tristeza com que fico
Inda amanhã a terei.

229

Eu voltei-me para trás
Para ver se te voltavas.
Há quem dê favas aos burros,
Mas eles comem as favas.

230

Ris-te de mim? Não me importo.
Rir não faz mal a ninguém.
Teu rir é tão engraçado
Que, quando faz mal, faz bem.

231

Ouves-me sem me entender.
Sorris sem ser porque falo.
É assim muita mulher.**[78]**
Mas nem por isso me calo.

232

Se eu te pudesse dizer
O que nunca te direi,
Tu terias que entender
Aquilo que nem eu sei.

233

Bailaste de noite ao som
De uma música estragada.
Bailar assim só é bom
Quando a alegria é de nada.**[79]**

234

Não sei que flores te dar
Para os dias da semana.
Tens tanta sombra no olhar

Que o teu olhar sempre engana.

235

Descasquei o camarão,
Tirei-lhe a cabeça toda.
Quando o amor não tem razão
É que o amor incomoda.

236

Cabeça de ouro mortiço
Com olhos de azul do céu,
Quem te ensinou o feitiço
De me fazer não ser eu?

237

São já onze horas da noite.
Porque te não vais deitar?
Se de nada serve ver-te,
Mais vale não te fitar.

238

Tiraste o linho da arca,
Da arca tiraste o linho.
Meu coração tem a marca
Que lhe puseste mansinho.

239

Ao dobrar o guardanapo
Para o meteres na argola
Fizeste-me conhecer
Como um coração se enrola.

240

Quando eu era pequenino
Cantavam para eu dormir.
Foram-se o canto e o menino.
Sorri-me para eu sentir!

241

Meia volta, toda a volta,
Muitas voltas de dançar...
Quem tem sonhos por escolta**[80]**
Não é capaz de parar.

242

Fui passear no jardim
Sem saber se tinha flores
Assim passeia na vida
Quem tem ou não tem amores.

243

No dia em que te casares
Hei-de te ir ver à Igreja
Para haver o sacramento
De amar-te ninguém que ali esteja.

244

Quando apertaste o teu cinto**[81]**
Puseste o cravo na boca.
Não sei dizer o que sinto
Quando o que sinto me toca.

245

Toda a noite ouvi os cães
P'ra manhã ouvi os galos.
Tristeza – vem ter connosco.

Prazeres – é ir achá-los.

246

Deram-me, para se rirem,
Uma corneta de barro,
Para eu tocar a entrada
Do Castelo do Diabo.

247

Quando te apertei a mão
Ao modo de assim-assim,
Senti o meu coração
A perguntar-me por mim.

248

Tinhas um vestido preto
Nesse dia de alegria...
Que certo! Pode pôr luto
Aquele que em ti confia.

249

Só com um jeito do corpo
Feito sem dares por isso
Fazes mais mal que o demónio
Em dias de grande enguiço.

250

Esse xaile que arranjaste,
Com que pareces mais alta
Dá ao teu corpo esse brio
Que à minha coragem falta.**[82]**

251

Tem um decote pequeno,
Um ar modesto e tranqüilo;
Mas vá-se lá descobrir
Coisa pior do que aquilo!

252

Teus olhos poisam no chão
Para não me olhar de frente.
Tens vontade de sorrir
Ou de rir? É tão dif'rente!

253

Quando passas pela rua
Sem reparar em quem passa,
A alegria é toda tua
E minha toda a desgraça.

254

A esmola que te vi dar
Não me deu crença nem fé,
Pois a que estou a esperar
Não é esmola que se dê.

255

Caiu no chão a laranja
E rolou pelo chão fora.
Vamos apanhá-la juntos,
E o melhor é ser agora.

256

Quando te vais a deitar
Não sei se rezas se não.
Devias sempre rezar

E sempre a pedir perdão.

257

É limpo o adro da igreja.
É grande o largo da praça.
Não há ninguém que te veja
Que te não encontre graça.

258

Quando agora me sorriste
Foi de contente de eu vir,**[83]**
Ou porque me achaste triste,
Ou já estavas a sorrir?

259

Boca que o riso desata
Numa alegria engraçada,
És como a prata lavrada
Que é mais o lavor que a prata.

260

Por cima da saia azul
Há uma blusa encarnada,
E por cima disso os olhos
Que nunca me dizem nada.

261

Fazes renda de manhã
E fazes renda ao serão.
Se não fazes senão renda,
Que fazes do coração?

262

Todos te dizem que és linda.
Todos to dizem a sério.
Como o não sabes ainda
Agradecer é mistério.

263

Eu bem sei que me desdenhas
Mas gosto que seja assim,
Que o desdém que por mim tenhas
Sempre é pensares em mim.

264

A tua irmã é pequena,
Quando tiver tua idade,
Transferirei minha pena
Ou fico só com metade?

265

Quando me deste os bons dias
Deste-mos como a qualquer.
Mais vale não dizer nada
Do que assim nada dizer.

266

Tenho uma ideia comigo
De que não quero falar.
Se a ideia fosse um postigo,
Era p’ra te ver passar.

267

Andorinha que vais alta,
Porque não me vens trazer
Qualquer coisa que me falta

E que te não sei dizer?

268

Tenho um lenço que esqueceu
A que se esquece de mim.
Não é dela, não é meu,
Não é princípio nem fim.

269

Duas horas vão passadas
Sem que te veja passar.
Que coisas mal combinadas
Que são amor e esperar!

270

Houve um momento entre nós
Em que a gente não falou.
Juntos, estávamos sós.
Que bom é assim estar só!

271

“Das flores que há pelo campo
O rosmaninho[84] é rei...”
É uma velha cantiga...
Bem sei, meu Deus, bem o sei.

272

O moinho que mói trigo
Mexe-o o vento ou a água,
Mas o que tenho comigo
Mexe-o apenas a mágoa.[85]

273

Aquela que tinha pobre
A única saia que tinha,
Por muitas roupas que dobre
Nunca será mais rainha.

274

Tens uns brincos sem valia
E um lenço que não é nada,
Mas quem dera ter o dia
De quem és a madrugada.

275

Loura, teus olhos de céu**[86]**
Têm um azul que é fatal.
Bem sei: foi Deus que tos deu.
Mas então Deus fez o mal?

276

Vai alta sobre a montanha
Uma nuvem sem razão.
Meu coração acompanha
O não teres coração.

277

Dizem que as flores são todas
Palavras que a terra diz.
Não me falas: incomodas.
Falas: sou menos feliz.

278

Duas vezes jurei ser
O que julgo que sou,
Só para desconhecer

Que não sei para onde vou.

279

O pescador do mar alto
Vem contente de pescar.
Se prometo, sempre falto:
Receio não agradar.

280

Todos lá vão para a festa
Com um grande azul de céu.
Nada resta, nada resta...
Resta sim, que *resta* eu.

281

Andei sozinho na praia
Andei na praia a pensar
No jeito da tua saia**[87]**
Quando lá estiveste a andar.

282

Onda que vens e que vais
Mar que vais e depois vens,
Já não sei se tu me atrais,
E, se me atrais, se me tens.

283

Quando há música, parece
Que dormes, e assim te calas,
Mas se a música falece.
Acordo, e não me falas.

284

Trazes uma cruz no peito.
Não sei se é por devoção.
Antes tivesses o jeito
De ter lá um coração.

285

O guardanapo dobrado
Quer dizer que se não volta.
Tenho o coração atado:
Vê se a tua mão mo solta.

286

“À tua porta está lama.
Meu amor, quem na faria?”
É assim a velha cantiga
Que como tu principia.

287

Menina de saia preta
E de blusa de outra cor,
Que é feito daquela seta
Que atirei ao meu amor?

288

Lavas a roupa na selha**[88]**
Com um vagar apressado,
E o brinco na tua orelha
Acompanha o teu cuidado.

289

Duas vezes te falei
De que te iria falar.
Quatro vezes te encontrei

Sem palavra p’ra te dar.

290

Velha cadeira deixada
No canto da casa antiga
Quem dera ver lá sentada
Qualquer alma minha amiga.**[89]**

291

Trazes a bilha à cabeça
Como se ela não houvesse.
Andas sem pressa depressa
Como se eu lá não estivesse.**[90]**

292

Trazes um manto comprido
Que não é xaile a valer.
Eu trago em ti o sentido
E não sei que hei-de dizer.

293

Olhas para mim às vezes
Como quem sabe quem sou.
Depois passam dias, meses,
Sem que vás por onde vou.**[91]**

294

Quando tiraste da cesta
Os figos que prometeste
Foi em mim dia de festa,
Mas foi a todos que os deste.

295

Aquela que mora ali
E que ali está à janela
Se um dia morar aqui
Se calhar não será ela.

296

Mas que grande disparate
É o que penso e o que sinto.
Meu coração bate, bate
E se sonho minto, minto.**[92]**

297

Puseste por brincadeira
A touca da tua irmã.
Ó corpo de bailadeira,
Toda a noite tem manhã.

298

Dizes-me que nunca sonhas
E que dormes sempre a fio.
Quais são as coisas risonhas
Que sonhas por desfastio?

299

O teu carrinho de linha
Rolou pelo chão caído.
Apanhei-o e dei-to e tinha
Só em ti o meu sentido.

300

A vida é um hospital
Onde quase tudo falta.
Por isso ninguém se cura

E morrer é que é ter alta.**[93]**

301

Saudades, só portugueses
Conseguem senti-las bem,
Porque têm essa palavra
Para dizer que as têm.**[94]**

302

“Mau, Maria!” – tu disseste
Quando a trança te caía.
Qual “Mau, Maria”, Maria!
“Má Maria!” “Má Maria!”**[95]**

303

Era já de madrugada
E eu acordei sem razão.
Senti a vida pesada,
Pesado era o coração.**[96]**

304

Boca de romã perfeita
Quando a abres p’ra comer,
Que feitiço é que me espreita
Quando ris só de me ver?

305

Tenho um segredo comigo
Que me faz sempre cismar.
É se quero estar contigo
Ou quero contigo estar.

306

Trazes já aquele cinto
Que compraste no outro dia.
Eu trago o que sempre sinto
E que é contigo, Maria.

307

Teu olhar não tem remorsos
Não é por não ter que os ter.
É porque hoje não é ontem
E viver é só esquecer.

308

Disseste-me quase rindo:
“Conheço-te muito bem!”
Dito por quem me não quer,
Tem muita graça, não tem?

309

Que tenho o coração preto**[97]**
Dizes tu, e inda te alegras.
Eu bem sei que o tenho preto:
Está preto de nódoas negras.

310

Na praia de Monte Gordo,
Meu amor, te conheci.
Por ter estado em Monte Gordo
É que assim emagreci.

311

Fica o coração pesado
Com o choro que chorei.
É um ficar engraçado

O ficar com o que dei...

312

Este é o riso daquela
Em que não se reparou.
Quando a gente se acautela
Vê que não se acautelou.

313

Tens vontade de comprar
O que vês só porque o viste.
Só a tenho de chorar
Porque só compro o ser triste.

314

Baila em teu pulso delgado
Uma pulseira que herdaste...
Se amar alguém é pecado,
És santa, nunca pecaste.

315

Teus olhos querem dizer
Aquilo que se não diz...
Tenho muito que fazer...
Que sejas muito feliz! **[98]**

316

Água que passa e canta
É água que faz dormir...
Sonhar é coisa que encanta,
Pensar é já não sentir.

317

Deste-me um adeus antigo
À maneira de eu não ser
Mais que o amigo do amigo
Que havias de poder ter.

318

Linda noite a desta lua,
Lindo luar o que está
A fazer sombra na rua,
Por onde ela não virá.

319

O papagaio do paço
Não falava – assobiava.
Sabia bem que a verdade
Não é coisa de palavra.

320

Puseste a mantilha negra
Que hás-de tirar ao voltar.
A que me puseste na alma
Não tiras. Mas deixa-a estar!

321

Trazes os brincos compridos,
Aqueles brincos que são
Como as saudades que temos
A pender do coração.

322

Deixaste cair a liga
Porque não estava apertada...
Por muito que a gente diga

A gente nunca diz nada.

323

Não há verdade na vida
Que se não diga a mentir.
Há quem apresse a subida
Para descer a sorrir.

324

No dia de S. João
Há fogueiras e folias
Gozam uns e outros não,**[99]**
Tal qual como os outros dias.

325

Santo António de Lisboa
Era um grande prégador,
Mas é por ser *Santo António***[100]**
Que as moças lhe têm amor.

[**1**] Com risco de naufragar.
Nesta cantiga, fica evidenciado o apreço de Fernando Pessoa pela tradição portuguesa, seja do ponto de vista da forma (quatro versos de sete sílabas – redondilha maior), extremamente

popular, seja do ponto de vista temático, em que as navegações são o próprio espírito luso.
[2] Esta cantiga – homogênea – direta é parâmetro da simplicidade formal e temática de uma quadra.
[3] Esta é uma cantiga bem pessoana, pois utiliza-se de uma forma simples para um tema subjetivo e complexo: o eu.
[4] É que está para acabar.
[5] Interessante observar o uso do trocadilho nesta quadra.
[6] É melhor não ir ao baile
Que isso é estar lá sem lá estar.
[7] Georg Lind aproxima esta quadra da poesia de Caeiro a partir mesmo da simplicidade.
[8] Observe-se que nesta quadra, como na seguinte, ele canta a mulher do povo através de suas roupas e enfeites.
[9] E para ele nem olhas.
[10] O cravo que dei àquela.
[11] Todas as semanas penso.
[12] Mas a alma que me tiraste.
[13] Que todo se dependura.
[14] Toma lá meu coração.
[15] Que te não veja despida.
[16] A passar sem teres ser.
[17] Que assim te consigo ver.
[18] Observe-se que, nesta quadra, o poeta abandona a figura da mulher para, em seu lugar, colocar observações existenciais. Não é o comum de sua quadra.
[19] Variante 1: Que dizes sem dizer nada. Variante 2: Que fazes sem fazer nada.
[20] Note-se que ao referir-se ao tu, sujeito amoroso, Pessoa deixa transparecer a ambiguidade do estado de alma, o que caracteriza sua produção em outras formas poéticas.
[21] Variante 1: Posição era já tua? Variante 2: Posição não era a tua?
[22] A complexidade deste tema – pobreza/morte – ultrapassa a simplicidade temática que a quadra exige.
[23] Aqui também se pode observar a ambiguidade: o sujeito lírico está entre o que sente e o que pensa que poderá sentir, ou seja, está presente.
[24] Quem quererá mais de ti?
[25] O que me lembra de ti.
[26] Ainda lá nada escrevi.
[27] De eu não poder amar.
[28] A subjetividade exposta na quadra extrapola a simplicidade exigida pelo gênero.
[29] A tendência do poeta para o paradoxo está inteira nesta quadra.
[30] Com o ar de quem o traz.
[31] Dá-me os teus olhos negados.
[32] Peixes.
[33] Ó onda leve, onda leve
Antes me ensina a esquecer.
[34] Isso era se ela viesse.
[35] Foi com ela que acenaste,
Sem querer, ao meu coração.
[36] Roçou por ti muita gente? (Segundo Lind, esta variante foi rejeitada pelo poeta.)
[37] Espécie de pássaro.
[38] E cada um tinha a sua!

[39] Observe-se nesta cantiga, que não esconde o humor, que o poeta utiliza-se do recurso do trovador medieval: ele empresta a voz à mulher.
[40] Novamente o poeta cede a voz à mulher, tal como nas cantigas de amigo trovadorescas.
[41] Sem saberes a razão!
[42] Variante 1: Tu gostas de mim, Maria? Variante 2: Por onde andaste, Maria?
[43] Que chamem a ti avó!
[44] Daquilo que há entre nós.
[45] Interessante observar o uso do trocadilho nesta quadra.
[46] Como na anterior, é interessante observar o uso do trocadilho nesta quadra.
[47] Meu coração não se furta.
[48] Cabresto ou corda.
[49] Espécie de marmita usada para transportar alimentos.
[50]Nem houve loiça quebrada.
[51] Ó boca de carne e mel.
[52] Não sei que é da viagem.
[53] Anda cá dizer-me sim.
[54] Com desenhos de canela!
[55] Que tens rebanhos e riso...
Teu riso soa no ar.
[56] Esse grave cumprimento.
[57] São como quando à janela.
[58] Calcularia o que é.
[59] Deitam-lhe orvalho de rir.
[60] Pois não sabe quem engana.
[61] Variante 1: E falar é não sentir. Variante 2: E falar é só fingir. Variante 3: Que se possam discutir.
[62] Teu amor bem sei que é falso
E esse amor dá-me prazer.
[63] Não há nunca romaria,
Que se lembrasse de mim...
[64] Me fazem dor ou prazer.
[65] Não te despeças de mim.
[66] Com o ar de desprezar.
[67] Isto não tinha importância.
[68] Por onde puseste fogo.
[69] Deitaste-o fora a pensar.
[70] Mas esses não fazem dó.
[71] E nunca o posso fitar.
[72] Este é mais um exemplo do paradoxo, recurso tão utilizado pelo poeta.
[73] Para eu cercar um papel.
[74] Que inda guardei esse cordel.
[75] Planta da avenca também conhecida por capilária. O xarope de capilé, apreciado pelos lisboetas, é feito com cozimento das frondes dessa planta, adicionado de açúcar e caramelo.
[76] Porque essa não é assim.
[77] "Erva dos namorados" é a planta mais popular das festas de São João e de Santo Antônio, respectivamente, do Porto e de Lisboa.
[78] Esse é o teu modo de ver.
Bem me sei e não calo.

[79] Quando se não pensa em nada.
[80] Quem tem tristezas por escolta
Nunca pode regressar.
[81] Para apertar o teu cinto.
[82] Variante 1: Que logo às falas me falta. Variante 2: Que às minhas palavras falta.
[83] Foi por te agradar eu vir.
[84] Planta espontânea de flores roxas, da família das alfazemas ou lavandas, muito abundante em Portugal.
[85] Mói sonhos e mexe-o a mágoa.
[86] Loura dos olhos do céu,
Com um azul tão fatal.
[87] No giro da tua saia.
[88] Vasilha em forma de balde.
[89] Como em outras poucas quadras, a subjetividade expressa por Pessoa ultrapassa a simplicidade que o gênero exige.
[90] Variante 1: E como se eu não estivesse. Variante 2: E sem que eu ali estivesse.
[91] E nem sabes onde estou.
[92] Quadra absolutamente subjetiva, quando o gênero exige simplicidade maior.
[93] Outra quadra rara, em que o poeta abandona a figura da mulher para, em seu lugar, colocar observações existenciais.
[94] Se a cantiga, a quadra, a oralidade pertencem à tradição portuguesa, muito mais fortemente sobressai a alma lusa quando fala em saudade.
[95] Ao ver que a trança te caía.
[96] E distante o coração.
[97] Dizes que tenho a alma negra;
Inda por isso te alegras!
Eu bem sei que a tenho negra,
Mas negra de nódoas negras.
[98] Nem quero ser infeliz.
[99] Gozam uns, mas outros não.
[100] Mas é por ser de Lisboa.

POEMAS PARA LILI[1]

No comboio descendente
Vinha tudo à gargalhada,
Uns por verem rir os outros
E os outros sem ser por nada –
No comboio descendente
De Queluz[2] à Cruz Quebrada[3]...

No comboio descendente
Vinham todos à janela,
Uns calados para os outros
E os outros a dar-lhes trela –
No comboio descendente
Da Cruz Quebrada a Palmela[4]...

No comboio descendente
Mas que grande reinação!
Uns dormindo, outros com sono,
E os outros nem sim nem não –
No comboio descendente
De Palmela a Portimão[5]. [...]

*

Pia, pia, pia
O mocho[6],
Que pertencia
A um coxo.
Zangou-se o coxo
Um dia,
E meteu o mocho

Na pia, pia, pia...

*

Levava eu um jarrinho
P’ra ir buscar vinho
Levava um tostão
P’ra comprar pão;
E levava uma fita
Para ir bonita.

Correu atrás
De mim um rapaz:
Foi o jarro p’ra o chão,
Perdi o tostão,
Rasgou-se-me a fita...
Vejam que desdita!

Se eu não levasse um jarrinho,
Nem fosse buscar vinho,
Nem trouxesse uma fita
Para ir bonita,
Nem corresse atrás
De mim um rapaz
Para ver o que eu fazia,
Nada disto acontecia.

[1] Foram encontradas três cópias datilografadas das primeiras poesias do conjunto no espólio, na arca; uma das folhas trazia o título “Canções para embalar crianças”. Fernando Pessoa gostava de brincar com crianças, sobretudo com a sobrinha, filha do coronel Caetano Dias, Manuela Nogueira Rosa Dias Murteira. “Lili” era uma boneca que os pais tinham trazido da África para Manuela.
[2] Cidade pertencente a Sintra, famosa pelo Palácio de Queluz, construído tendo como modelo o Palácio de Versalhes, de Luís XIV.
[3] Distrito de Lisboa.
[4] Distrito de Setúbal. Famoso pelo Castelo de Palmela.
[5] Porto situado no Algarve.
[6] Ave muito parecida com a coruja.

POEMA PIAL

Casa Branca – Barreiro a Moita (Silêncio ou estação, à escolha do freguês)

Toda a gente que tem as mãos frias
Deve metê-las dentro das pias.

Pia número UM,
Para quem mexe as orelhas em jejum.

Pia número DOIS,
Para quem bebe bifes de bois.

Pia número TRÊS,
Para quem espirra só meia vez.

Pia número QUATRO,
Para quem manda as ventas ao teatro.

Pia número CINCO,
Para quem come a chave do trinco.

Pia número SEIS,
Para quem se penteia com bolos-reis.

Pia número SETE,
Para quem canta até que o telhado se derrete.

Pia número OITO,
Para quem parte nozes quando é afoito.

Pia número NOVE,

Para quem se parece com uma couve.

Pia número DEZ,
Para quem cola selos nas unhas dos pés.

E, como as mãos já não estão frias,
Tampa nas pias!

Cronologia

1888 – Filho de Joaquim de Seabra Pessoa, funcionário público e crítico musical, e de Maria Madalena Pinheiro Nogueira, nasce Fernando António Nogueira Pessôa em 13 de junho, no Largo de São Carlos, em Lisboa.

1893 – Nasce o irmão Jorge. O pai, Joaquim Pessoa, morre de tuberculose. A família se instala na casa de Dionísia, avó paterna, louca.

1894 – Morre Jorge. Fernando Pessoa cria seu primeiro "heterônimo", chamado "Chevalier de Pas".

1895 – Escreve o seu primeiro poema, infantil, intitulado "À minha querida mamã". A mãe casa por procuração com o comandante João Miguel Rosa, cônsul de Portugal em Durban, África do Sul.

1896 – Parte com a mãe e um tio-avô, Cunha, para Durban. Nasce a irmã Henriqueta Madalena. Inicia o curso primário na escola de freiras irlandesas da West Street.

1897 – Faz a primeira comunhão.

1898 – Nasce a outra irmã: Madalena.

1899 – Ingressa na Durban High School e, com louvor, passa, na metade do ano, para o ciclo superior.

1900 – Nasce o irmão Luís Miguel. Admitido no terceiro ano do liceu, obtém o prêmio de Francês e, no final do ano, em dezembro, é admitido no quarto ano.

1901 – Escreve o primeiro poema em inglês: "*Separate from thee*". Morre a irmã Madalena. Parte com a família para um ano de férias em Portugal.

1902 – Nasce o irmão João. Escreve o primeiro poema conhecido em português: "Quando ela passa...". Como a família regressara antes dele, em setembro, Pessoa volta sozinho para a África do Sul.

1903 – Submete-se ao exame de admissão à Universidade do Cabo. Obtém a melhor nota entre os 899 candidatos no ensaio de estilo inglês, o que lhe vale o Prêmio Rainha Vitória. Cria o "heterônimo" Alexander Search.

1904 – Primeiro texto impresso: ensaio sobre *Macaulay*, na revista do liceu. Termina seus estudos na África do Sul. Nascimento da irmã Maria Clara. Criação do "heterônimo" Charles Robert Anon.

1905 – Retorna a Lisboa, onde passa a viver com uma tia-avó, Maria. Continua a escrever poemas em inglês. Inscreve-se na Faculdade de Letras, mas quase não a frequenta.

1906 – A mãe e o padrasto retornam a Lisboa para férias de seis meses, e Pessoa volta a morar com eles. Morre Maria Clara.

1907 – A família retorna mais uma vez a Durban. Pessoa passa a morar com a avó e as tias. Desiste do curso de Letras. Em agosto, a avó morre e lhe deixa uma pequena herança. Com o dinheiro, inaugura a tipografia Íbis.

1908 – Começa a trabalhar como correspondente estrangeiro em escritórios comerciais. Começa a escrever cenas do "Fausto", obra que nunca terminará.

1910 – Escreve poesia e prosa em português, inglês e francês.

1911 – Escreve "Análise", iniciando o lirismo tipicamente pessoano.

1912 – Conhece Mário de Sá-Carneiro, de quem se tornará grande amigo. Pessoa estreia publicando artigos em *A Águia*, provocando polêmicas junto à intelectualidade portuguesa. Passa a viver com a tia Anica.

1913 – Escreve os primeiros poemas esotéricos; escreve "Impressões do Crepúsculo" (poema paulista); "Epithalamium" (primeiro poema erótico, em inglês); "Gládio" (que depois usará em *Mensagem);* "O Marinheiro" (em 48 horas). Publica, em *A Águia,* "Floresta do Alheamento", apresentado como fragmento do *Livro do desassossego.*

1914 – Primeiras publicações, como poeta, na *Revista Renascença:* "Impressões do crepúsculo" e "Ó sino da minha aldeia". Cria os heterônimos Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. Escreve os

poemas de *O guardador de rebanhos*, "Chuva oblíqua", as odes de Ricardo Reis e a "Ode Triunfal", de Campos.

1915 – Lança os dois primeiros números de *Orpheu*, que provocam escândalo. Crise no grupo do Orpheu: Álvaro de Campos ataca Afonso Costa.

1916 – Pessoa fica deprimido com o suicídio de Mário de Sá-Carneiro. Publicação em revista da série de sonetos esotéricos *Passos da Cruz.*

1917 – Publicação do "Ultimatum", de Campos, na revista *Portugal Futurista.*

1918 – Pessoa publica dois livrinhos de poemas em inglês, resenhados com destaque na *Times*.

1919 – Morre o comandante Rosa.

1920 – Conhece Ophélia Queiroz, a quem passa a namorar. Sua mãe e seus irmãos voltam para Portugal. Em outubro, atravessa uma grande depressão, que o leva a pensar em internar-se numa casa de sáude. Rompe com Ophélia.

1921 – Funda a editora Olisipo, onde publica poemas em inglês.

1922 – Publica *Mar português*, com poemas que serão retomados em *Mensagem.*

1924 – Publica, na revista *Atena,* vários poemas de Campos.

1925 – Publica, na *Atena*, poemas de Alberto Caeiro. Decide parar a publicação da revista. Morre, em Lisboa, a mãe do poeta, em 17 de março. Seu estado psíquico o inquieta; escreve a um amigo, manifestando desejo de ser hospitalizado.

1926 – Cria, com o cunhado, a *Revista de Comércio e Contabilidade.*

1927 – A revista *Presença* reconhece Pessoa como mestre da nova geração de poetas. Nela publica um poema seu, um de Álvaro de Campos e odes de Ricardo Reis.

1928 – Campos escreve "Tabacaria". Pessoa escreve poemas que integrarão *Mensagem.*

1929 – Publica fragmentos do *Livro do desassossego,* creditando-os a Bernardo Soares. Volta a se relacionar com Ophélia.

1930 – Rompe com Ophélia. Encontra o "mago" Aleister Crowley.

1931 – Escreve "Autopsicografia". Publica fragmentos do *Livro do desassossego.*

1932 – Continua publicando fragmentos do *Livro do desassossego.*

1933 – Publica "Tabacaria" e escreve o poema esotérico "Eros e Psique".

1934 – Finaliza *Portugal,* que depois será chamado de *Mensagem.* Candidata-se ao prêmio Antero de Quental. Escreve mais de trezentas quadras populares. Recebe o segundo prêmio do concurso. Publica *Mensagem.*

1935 – Escreve a famosa carta a Adolfo Casais Monteiro, em que explica a gênese dos heterônimos. Redige sua nota biográfica, na qual se diz "conservador antirreacionário", "cristão gnóstico" e membro da Ordem dos Templários. Em 29 de novembro, é internado com o diagnóstico de cólica hepática. A sua última frase, escrita em inglês, diz: "*I know not what tomorrow will bring*". Morre no dia 30 de novembro, às 20h30.

Introdução e cronologia de acordo com a nova ortografia.
Texto dos poemas de acordo com a grafia original.

Organização, introdução e notas: Jane Tutikian
Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre silhueta de Fernando Pessoa
Revisão: Bianca Pasqualini e Elisângela Rosa dos Santos

Cip-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de livros, RJ

P567q

Pessoa, Fernando, 1888-1935
Quadras ao gosto popular / Fernando Pessoa ; organização, introdução e notas Jane Tutikian. – Porto Alegre, RS : L&PM, 2011.
(Coleção L&PM POCKET ; v.683)

ISBN 978.85.254.2280-4

1. Poesia portuguesa. I. Tutikian, Jane, 1952-. II. Título. III. Série.
08-0110. CDD: 869.1
CDU: 821.134.3-1

© L&PM Editores, 2008

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**
Fale conosco: **info@lpm.com.br**
www.lpm.com.br